

# Retorno aos níveis anteriores será difícil

*Aversão aos mercados emergentes é mais crítica do que em 1999*

ANDRÉ PALHANO

O encontro do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, e do ministro da Fazenda, Pedro Malan, com banqueiros em Nova York, segunda-feira, poderá facilitar as renovações das linhas comerciais e de vencimentos externos privados por parte das instituições financeiras. Talvez até acarrete o efeito de um pequeno aumento da oferta em relação aos críticos meses de junho, julho e agosto. Mas não resultará, segundo diversos bancos estrangeiros consultados pela *Agência Estado*, em garantia de que esse crédito externo voltará aos patamares anteriores à atual crise financeira, como ocorreu em 1999.

Esse processo de retomada será muito mais lento e gradual do que naquela época por três motivos: 1) a situação de liquidez internacional e de aversão aos mercados emergentes é substancialmente mais crítica hoje do que em 1999; 2) os bancos norte-americanos apresentarão resultados trimestrais agora em setembro, onde todo aumento de exposição em países como o Brasil, por conta do motivo anterior, será mal avaliado por analistas e pela própria direção dos bancos; e 3) em 1999 o mercado conseguia vislumbrar à frente mais três anos da política econômica da gestão FHC.

Por enquanto, em função das eleições, o futuro da política econômica no Brasil ainda é uma incógnita. "O Malan e o Fraga não se exoriam desse jeito, numa viagem internacional, se já não tivessem prospectado antes um retorno minimamente positivo. O que não quer dizer, em absoluto, que terão garantias de que o fluxo de dólares para o País será o mesmo do começo do ano", avalia o diretor de um

desses bancos. Pelas contas de outro grande banco internacional, as rolagens de eurobonds, que em junho e julho caíram para algo entre 30% e 35%, poderão voltar para os níveis de 50% a 60%. "Mas não integralmente como vinha ocorrendo antes", sublinha. Terá especial influência nesse sentido a participação de organismos como o FMI, o Tesouro dos Estados Unidos e os bancos centrais.